

CONTRACORRENTE

SETE SEGREDOS PARA
PRESERVAR A RIQUEZA EM MEIO
AO CAOS QUE ESTÁ POR VIR

JAMES RICKARDS



ALTA CULT
EDITORA

Rio de Janeiro, 2021

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	1
1. LABIRINTO DE ESPELHOS	19
2. APAGANDO FOGO COM GASOLINA	53
3. EM BUSCA DO PREÇO DA LIBERDADE	85
4. A ARMADILHA ALFA	121
5. DINHEIRO GRÁTIS	153
6. O ACORDO DE MAR-A-LAGO	187
7. GODZILLA	217
8. CONTRACORRENTE	243
CONCLUSÃO	273
NOTAS	291
FONTES SELECIONADAS	299
ÍNDICE	305

CAPÍTULO UM

LABIRINTO DE ESPELHOS

Desde novembro de 1918 até hoje, não houve desafio direto ao poder do Estado que tivesse sucesso em qualquer país ocidental.

—Adam Tooze, *The Deluge* (2014)

A HISTÓRIA É A PRIMEIRA VÍTIMA DOS MICROSSEGUNDOS DEDICADOS À MÍDIA.

Um exército de pseudossábios satura as vias aéreas para explicar que tarifas são ruins, guerras comerciais prejudicam o crescimento e o mercantilismo (a arte de acumular reservas) é um retrocesso para o século XVII. Esses são os sentimentos de liberais e conservadores tradicionais, além de jornalistas treinados na ortodoxia do chamado livre comércio e na crença falsa, porém reconfortante, de que os deficit comerciais são o outro lado dos excedentes de capital. Então qual é o problema?

O problema é que os deficit comerciais perpétuos colocaram os Estados Unidos à frente de uma crise de confiança no dólar. O excedente

de capital é um eufemismo para a emissão excessiva de dívida pelas empresas e pelo Tesouro. Tarifas zero são um convite para terceirizar a produção e acabar com empregos bem pagos nos EUA. O mercantilismo faz da China a principal economia de crescimento mais rápido, enquanto o livre comércio deixa os Estados Unidos definhando com um crescimento em níveis de depressão. As verdades valorizadas da economia liberal são em sua maioria uma ciência fajuta; elas são um cavalo de perseguição mal disfarçado para o objetivo real de governança internacional e tributação em nome da globalização.

Uma visita à seção de história de uma biblioteca revela que o herói liberal Alexander Hamilton, primeiro-secretário do Tesouro dos Estados Unidos, era um protecionista fiel, que alimentou a indústria dos EUA com recompensas, tarifas e outros obstáculos ao livre comércio. Teddy Roosevelt, um ícone progressivo, apoiou o padrão-ouro e um dólar forte. Já Woodrow Wilson, considerado o primeiro presidente norte-americano com visão internacional, queria que o globalismo não fosse baseado em cadeias de suprimentos integradas, mas na hegemonia dos EUA sobre as autoritárias Alemanha e Rússia, e os imperialistas França, Japão e Reino Unido. A forma de Wilson conquistar esse respeito não era com armas, mas com ouro, dólares e créditos em Wall Street. O campeão do conservadorismo, Ronald Reagan impôs tarifas tão altas aos carros japoneses que eles mudaram suas fábricas para o Tennessee e a Carolina do Sul, onde permanecem até hoje. De fato, os maiores períodos de prosperidade dos Estados Unidos foram associados a tarifas e mercantilismo até os anos 1990, quando dívidas e guerras se tornaram substitutos universais para todos os investimentos em fábricas dos EUA. Agora o “boom” da dívida está morrendo, o dia do acerto de contas se aproxima e falsos argumentos econômicos não nos salvarão.

Esse enigma entre o que funciona na prática (proteção e mercantilismo) e a falta de educação moderna (livre comércio e globalismo) precisa ser resolvido para garantir força e estabilidade futuras para os EUA. Há muito espaço para amenizar as arestas do mercantilismo, mas apenas se negociadores lúcidos e com experiência forem nomeados para a tarefa. Os globalistas de pouco poder estão felizes ao ver os Estados Unidos em relativo declínio, desde que “o mundo” esteja em melhor situação. O problema é que a maior parte do mundo é violenta, autoritária, antiética e inimiga aos valores dos EUA. Enriquecer a China à custa dos EUA não

é apenas uma troca globalista fraca; ela financia campos de concentração e escravidão industrial. Embora referências globalistas como Jeffrey Sachs e Mike Bloomberg estejam em profunda negação, isso acontece de verdade.

Resolver esse enigma requer talentos que vão muito além da economia. Ele pode ser resolvido apenas com uma combinação de especialistas em geopolítica, história, sociologia, direito e dinâmicas complexas. Esse tipo de integração de especialistas de alto nível, com vistas à segurança nacional, é uma força desconhecida do serviço secreto norte-americano, a *Central Intelligence Agency*, ou simplesmente CIA. Com isso, vamos recorrer à CIA para uma visão interna de como os EUA estão usando ferramentas centenárias para enfrentar a ameaça do século XXI representada pela globalização.

Sede em Langley Woods

A sede da CIA fica em um complexo seguro, com entrada fortemente restrita. No entanto, a localização não é secreta. A entrada principal fica na Rota 123 da Virgínia, também chamada Dolley Madison Boulevard, a cerca de 1,6 quilômetro da George Washington Parkway, não muito longe da margem sul do rio Potomac.

Talvez como forma de confundir quem pergunta, a maioria das placas perto do local parece ter três nomes. A Dolley Madison Boulevard é chamada Chain Bridge Road em alguns mapas. Repórteres costumam se referir a sede da CIA como “Langley,” embora não haja uma cidade com esse nome naquela parte da Virgínia; a sede está localizada na cidade de McLean. As iniciais CIA não aparecem no nome oficial da sede, chamada Centro de Inteligência George Bush. Esses nomes duplos e triplos parecem estar de acordo com o principal objetivo do serviço secreto norte-americano de despistar os outros.

Qualquer pessoa pode dirigir seu carro até a rua de acesso à entrada da CIA, mas você não irá muito longe sem um crachá oficial na mão ou um crachá de visitante esperando por você no prédio de segurança perto do portão principal. Visitantes passam por uma minuciosa revista antes mesmo de chegarem ao portão para pegar seu crachá.

Uma vez lá dentro, a sede da CIA tem uma sensação aberta e arejada, não muito diferente de muitos campos corporativos grandes, localizados nos arredores de áreas suburbanas nas principais cidades. A arquitetura é, definitivamente, de meados do século XX; nada parecido com os projetos de cúpulas e naves espaciais vistos na Amazon, em Seattle e Apple, no Vale do Silício. Os dois prédios principais se chamam Original Headquarters Building (OHB) e New Headquarters Building (NHB), conectados no térreo por corredores de vidro que emolduram um pequeno parque contido entre eles.

Começando em 2003, estive na linha de frente da guerra financeira global, trabalhando na sede da CIA e como agente de campo. Meus projetos envolviam o uso de informações privilegiadas antes de ataques terroristas, análises preditivas usando os dados do mercado e implicações de segurança nacional de investimentos estrangeiros nos Estados Unidos, entre outros. Um dos prazeres da sede era passear pelo Museu da CIA, no andar principal do OHB. Isso poderia ser relaxante durante tempestades de neve, quando dezenas de funcionários não compareciam. Como vivi em Nova Inglaterra por muito tempo, nunca considerei a neve um motivo para faltar ao trabalho, mas muitos colegas da Virgínia ficaram paralisados. A alta gerência simpatizava com os funcionários locais e costumava conceder dias de neve, como na escola. Esses dias significavam reuniões canceladas, o que nos dava tempo livre para explorar os tesouros secretos da sede, que muitos ignoravam enquanto andavam de um lado para o outro. O ex-diretor da CIA, Mike Hayden, disse que o museu da CIA é “o melhor que você provavelmente vai ver”, uma referência ao fato de não ser aberto ao público.

O museu é uma compilação de contribuições de coleções particulares, itens capturados de serviços secretos estrangeiros e dos recursos da própria CIA. Destaque para uma máquina ENIGMA, inventada por um engenheiro alemão e usada pelo regime nazista na Segunda Guerra Mundial para mandar mensagens criptografadas aos militares alemães. Criptógrafos poloneses, franceses e britânicos acabaram desvendando os códigos ENIGMA, um feito retratado de forma memorável no filme vencedor do Oscar de 2014, *O Jogo da Imitação*. Poucas das máquinas originais ainda sobrevivem; uma das que ainda estão em mãos particulares foi vendida em um leilão pela casa britânica Christie's por mais de US\$500

mil. Tive a sorte de ver duas das originais, uma na sede da CIA e outra no Museu Imperial da Guerra, em Londres.

Minha peça favorita é uma pistola de batom, também chamada de Beijo da Morte. É uma arma de pequeno calibre, de tiro único, disfarçada de tubo de batom. Em um local apertado, uma espiã pode enfiar a mão na bolsa, pegar o “tubo” e matar o alvo à queima-roupa.

Perto de uma das pontas do museu, há um item que funciona como uma lição de como exercer a função. É uma grande foto em preto e branco de Washington, D.C., tirada de uma câmera espiã de alta altitude. A foto tem 50,8 centímetros de comprimento por 12,7 centímetros de largura, embutida no chão. Um visitante desatento poderia passar por cima dela e nem perceber. Uma forma mais divertida de abordar a peça é virar para um convidado, apontar a foto e perguntar qual foi o dia e hora exata em que ela foi tirada.

A primeira resposta geralmente é “não faço ideia”. A partir daí, a pessoa começa a pensar: as árvores estão nuas, então podemos acreditar que é entre outubro e março (outono e inverno nos EUA). O estacionamento está vazio, então você o reduz ainda mais aos fins de semana e feriados. São apenas sessenta dias possíveis, eliminando 85% do calendário. Um bom começo.

A seguir, você pode buscar certos prédios com datas de construção conhecidas. O Kennedy Center é visível na fotografia, então você tem a certeza de que a foto foi tirada após 1970, e por aí vai. Um analista mais experiente com acesso aos registros públicos de alvarás de construção em Washington, D.C., pode analisar cada quarteirão e restringir a data a um determinado ano com base na presença ou ausência de certos edifícios.

Quanto à hora, depois de reduzir as datas possíveis e ter um azimute do sol nessas datas, a sombra do Monumento a Washington é o maior relógio de sol do mundo. Seu visitante sai do museu sentindo que acabou de terminar um turno de trabalho analisando imagens na Agência Nacional de Inteligência Geoespacial dos EUA.

É claro que pistolas em formato de batom e fotos em preto e branco parecem objetos primitivos em comparação à tecnologia espectroscópica digitalizada e miniaturizada disponível para os espiões hoje em dia. Mas não é esse o ponto. A engenhosidade exposta no Museu da CIA é impressionante por si só e evoca o romance e a seriedade mortal da es-

pionagem da Guerra Fria. Curiosamente, as ferramentas e a tradição da velha guarda de repente voltam a ser consideradas algo novo. Ferramentas sofisticadas de hackers e pen drives tornaram até mesmo os sistemas digitais mais avançados altamente vulneráveis. As agências de inteligência estão revertendo para dispositivos não digitais para evitar invasões. O FSB, serviço de inteligência russo e sucessor da KGB, recentemente encomendou máquinas de escrever para a preparação de relatórios e memorandos internos — afinal, elas não podem ser invadidas e não deixam rastros digitais. A troca de objeto durante um esbarrão, substituição de objetos ou mensagens deixados em um local secreto e a utilização de cifras de uso único como criptografia estão de volta, em grande estilo, entre espões e oficiais.

O inverso da inteligência é a contrainteligência, ou seja, a busca por espões direcionados à sua própria organização. A melhor ferramenta da contrainteligência é a compartimentalização. O acesso à inteligência é dividido em compartimentos, ou células, na comunidade de inteligência. Essas células geralmente consistem de pequenos grupos de indivíduos trabalhando em um problema discreto. Uma autorização de segurança extremamente secreta, incluindo programas especiais de acesso além de segredo máximo, não é suficiente para obter acesso a uma ampla variedade de informações classificadas. Também é necessário ter uma “necessidade de saber”, demonstrada por meio de uma aplicação por escrito ou oral para um oficial de segurança. Uma vez que a necessidade de saber seja estabelecida, uma pessoa liberada ainda precisa ser “enquadrada” em um projeto por um diretor ou um líder de equipe. Mesmo quando essas barreiras tiverem sido resolvidas, a pessoa que busca o acesso ainda pode ter que trabalhar com o setor de TI para que os links ou páginas necessários sejam abertos nos servidores internos seguros da CIA. Esse processo se repete a cada novo tópico ou missão dados.

Os funcionários da CIA são treinados para desconfiar da chamada “engenharia social”. Esse é um termo técnico para uma simples amizade com estranhos. Se você estivesse na fila para comprar um café em um Starbucks, não seria nada incomum iniciar uma conversa educada com a pessoa ao seu lado, seja sobre a meteorologia, a lentidão do serviço ou qualquer outra coisa. Há uma loja da Starbucks no térreo do Original Headquarters Building, perto da cantina. Ela é conhecida como a mais movimentada do mundo por estar aberta 24 horas por dia, sete dias por

semana e estar repleta de muitos clientes viciados em café sem ter para onde ir. É falta de conduta conversar com um estranho enquanto espera na fila. O sujeito na fila é treinado para se questionar: “Porque ele está falando comigo? O que ele quer? Ele está tentando arrancar informações de fora da sua área?” e por aí vai, como se você fosse o novo Aldrich Ames (espião russo que trabalhou por 31 anos na CIA). Isso dá uma sensação 100% profissional a todos os encontros diários; não é o ambiente de trabalho mais acolhedor, mas a distância social serve seu propósito.

A compartimentalização pode ser complicada e lenta, mas funciona bem. Os vazamentos de informação mais prejudiciais dos últimos anos, envolvendo Chelsea Manning e Edward Snowden, no escândalo conhecido como *WikiLeaks*, não vieram dos arquivos da CIA. Manning divulgou informação do Departamento de Estado, enquanto os dados de Snowden vieram da Agência de Segurança Nacional (NSA, em inglês). A CIA sofreu com agentes penetrados no passado e provavelmente terá esse problema novamente, mas, no geral, tem feito um trabalho melhor na proteção de seus segredos que outras instituições na comunidade de agências de inteligência.

A agência mais obscura com a qual já trabalhei e a mais diretamente envolvida em contra-inteligência foi o Executivo Nacional de Contra-inteligência (NCIX, em inglês). Essa agência é a sucessora do trabalho do lendário caçador de agentes penetrados, James Jesus Angleton, que chefiou a contra-inteligência da CIA de 1954 a 1975. Os funcionários do NCIX não buscam apenas espões estrangeiros, mas todo tipo de dedos-duros, traidores e informantes na comunidade de inteligência. O NCIX também vai atrás de supostos agentes duplos (espões norte-americanos fingindo ser agentes russos, mas que realmente são leais aos EUA) que são, na verdade, investigadores triplos, espões norte-americanos fingindo ser espões russos, e que realmente o são. Essa natureza de trapaças e mentiras é chamada labirinto de espelhos.

Minha primeira visita ao NCIX teve direito a um passeio pelo Hall da Vergonha — uma galeria de quadros de 20 x 30 centímetros dos mais notórios traidores dos Estados Unidos desde a Segunda Guerra Mundial. A galeria começa com Klaus Fuchs, o físico alemão que trabalhou no Projeto Manhattan (programa de pesquisa e desenvolvimento que produziu as primeiras bombas atômicas na Segunda Guerra) e vazou segredos de bombas atômicas para os soviéticos, o que acelerou a corrida soviética

para se tornar uma potência nuclear. A galeria segue em ordem cronológica e conta com mais de cem pessoas ao todo, entre elas os infames espões Julius Rosenberg, Aldrich Ames, Robert Hanssen, John Walker e Ana Belén Montes. A fotografia de Ana Montes, espia cubana que trabalhou na Agência de Inteligência de Defesa, é especialmente marcante porque é uma versão recortada de uma foto de 1997, na qual ela recebe uma distinção das mãos do ex-diretor da CIA George Tenet.

O estrago causado pelos integrantes do Hall da Vergonha à segurança nacional dos EUA é incalculável. Essa devastação incluiu não apenas a divulgação de informações técnicas, mas a exposição de agentes norte-americanos que estavam na Rússia e em outras áreas proibidas da comunidade de inteligência. Quando essas pessoas acabaram executadas ou presas, o país perdeu acesso a um fluxo de informações inestimáveis. As perdas também prejudicaram o recrutamento futuro. O Hall da vergonha é arrepiante e permanece em sua mente por muito tempo depois de passar por lá e entrar no centro nervoso das operações de contrainteligência dos Estados Unidos.

Meu encontro mais marcante com espões russos foi sério e com uma grande dose de farsa. Aconteceu no dia 26 de janeiro de 2009, no hotel Fontainebleau, em Miami Beach, na Flórida. Estava lá para uma apresentação chamada “O Discurso Especial Geopolítico”, às 9h, para um público de aproximadamente mil gerentes de hedge e fundos alternativos. Foi uma das conferências de investimento mais destacadas do ano, ocorrendo imediatamente após o pânico financeiro de 2008, mas antes de os mercados chegarem ao fundo do poço. O programa listou meus subtópicos como “China e Rússia”, e “Tensões com o Irã e a Coreia do Norte”, entre outros.

Inaugurado em 1954, o hotel Fontainebleau é um ícone da arquitetura norte-americana, projetado pelo célebre arquiteto Morris Lapidus. Sua característica mais conhecida é o edifício principal, que se curva suavemente formando um semicírculo branco brilhante com vista para a piscina do local e o Oceano Atlântico. O Fontainebleau foi o primeiro lugar onde Frank Sinatra e o grupo Rat Pack se apresentaram quando visitaram Miami, no final da década de 1950.

Foi a minha primeira vez no Fontainebleau. O hotel fez parte da minha imaginação por mais de quarenta anos, desde que vi a cena de aber-

tura do filme clássico *James Bond contra Goldfinger*, de 1964. Nessas cenas, Bond, interpretado por Sean Connery, interrompe uma operação de trapaça de cartas que está sendo conduzida no hotel por Goldfinger. A sequência causou uma impressão duradoura. Com isso, decidi que algum dia me hospedaria lá, apenas por diversão. Em 2009, tive a minha chance. O Fontainebleau era o lugar para ver e ser visto em Miami Beach no inverno daquele ano.

Depois do meu discurso, voltei ao meu quarto para relaxar e apreciar a vista. A luz vermelha do meu telefone estava piscando. Recuperei a mensagem e retornei a ligação.

O homem do outro lado da linha tinha uma voz grave e sotaque europeu distinto. Ele disse: “Vi sua apresentação esta manhã. Muito interessante. As partes sobre guerra financeira eram novas para mim. Gostaria de conhecê-lo para discutir mais esses tópicos. Também posso ter algumas oportunidades de consultoria para você.” Consultoria geopolítica era uma das minhas atividades na época, junto com o trabalho na inteligência e das apresentações em público. Parecia valer a pena descobrir o que aquela pessoa tinha em mente.

“Ok, obrigado. Vou ficar aqui apenas um dia. Podemos nos encontrar às 15h, no bar do saguão, e aí conversar sobre isso”, disse. Havia vários bares no hotel. Dei a ele o número do meu celular para que pudesse me localizar. Já estava planejando ir ao bar do saguão de qualquer forma, portanto, encontrá-lo não era nada inconveniente. Normalmente não bebo em dias úteis, mas seria uma pena me hospedar no Fontainebleau e não visitar o bar para sentir o ambiente.

“Obrigado,” respondeu a pessoa. “Estarei com meu sócio. Nos vemos então.” Desliguei.

Cheguei às 14h45 no bar do Gotham Steak, um restaurante no saguão fechado desde então, para que pudesse desfrutar de uma bebida antes de meus convidados chegarem. Pedi meu rum Mount Gay e a água tônica com limão de sempre. Então relaxei e passei a observar.

Meus convidados me acharam facilmente; o bar estava quase vazio naquela hora do dia, e eles me conheciam pela minha apresentação. Ambos foram até a minha mesa e se apresentaram, mas não se sentaram. Olhei para eles e não podia acreditar no que vi.

O homem era corpulento, moreno e baixo, com cerca de 1,60 metro, vestindo terno e camisa sem gravata. Seu “sócio” era uma mulher um pouco mais alta, de salto alto, cabelos lisos e negros em um vestido longo de seda que mostrava seu decote. Ela era asiática, provavelmente da Ásia Central.

Pensei comigo: “Isso é inacreditável. São Boris e Natasha.”

Quando era criança, no início da década de 1960, era muito fã de um desenho animado chamado *As Aventuras de Rocky e Bullwinkle*. Ele passava no canal ABC, um dos principais dos Estados Unidos, depois do show de dança *American Bandstand*, no final da tarde. Esse era o meu intervalo entre as tarefas da escola e de casa. Geralmente, estava grudado na tela. Entre os personagens recorrentes do programa estava uma dupla de espões tipicamente russa, cujos nomes eram Boris Badenov e Natasha Fatale, que se reportavam a um ditador chamado Líder Destemido. O show era popular no auge da Guerra Fria, durante a histeria pós-Sputnik, de a Rússia tomar o Ocidente. Boris e Natasha podem ter sido personagens caricatos, mas pareciam representar o padrão dos agentes russos desonestos e calculistas, apesar de sua incompetência crônica. Estava diante de duas pessoas iguais a eles, com exceção do chapéu e bigode pretos de Boris. Estava encarando espões de desenhos animados na vida real.

Perguntei se queriam uma bebida. Boris disse: “Não”, eles não se alongariam muito e preferiram ficar de pé. Ele foi direto ao ponto.

“Sua apresentação nesta manhã mostrou muito conhecimento sobre guerra financeira e sanções contra Irã, Rússia e Coreia do Norte. Você é, claramente, um especialista. Tenho clientes que pagariam muito para se encontrar com você. Eles gostariam de saber o que você sabe”, afirmou.

“Muito dinheiro,” completou Natasha, para enfatizar.

“Quem são esses clientes? Onde eles estão localizados?”, perguntei.

“Eles estão na Rússia,” Boris respondeu, sem ser mais específico. “Você teria de viajar para lá para se encontrar com eles.”

“Muito dinheiro,” repetiu Natasha. Talvez ela estivesse preocupada por eu não tê-la ouvido da primeira vez.

Na época desse encontro, estava profundamente envolvido no planejamento do primeiro jogo de guerra financeira do Pentágono. Isso estava

programado para março de 2009, com a participação das forças armadas, da CIA, do Tesouro, do Fed e de uma série de especialistas no ultrassecreto Laboratório de Física Aplicada, perto de Washington, D.C. Em janeiro de 2009, a equipe de design do projeto estava bem adiantada na formação de cenários financeiros a serem criados, que inevitavelmente envolveriam a Rússia.

Obviamente, a abordagem de Boris e Natasha foi um recrutamento. Eles sabiam que eu conhecia muito mais sobre guerra financeira do que poderia falar em minhas apresentações públicas. Seus clientes na Rússia estavam dispostos a me pagar para compartilhar esses segredos. Boris e Natasha fizeram uma proposta bem clara: era dinheiro para entregar segredos aos russos, simples assim. Sabia que os denunciaria à contrainteligência da CIA, mas decidi dar assunto a eles para obter o máximo de informação possível.

“Bem, preciso pensar sobre isso,” disse a Boris. “Não posso lhe dar uma resposta hoje. Você tem um cartão de visita ou alguma forma de ser contactado?”

Ele colocou a mão no bolso e me deu seu cartão. Como para completar de vez a caricatura, ele era vermelho, cor mais intimamente associada à Rússia.

“Obrigado, entrarei em contato,” disse.

“Obrigado por nos encontrar. Nosso cliente realmente gostaria de conhecê-lo. Aguardamos sua resposta.”

Meio que esperei Natasha dizer “muito dinheiro” uma última vez, mas os dois deixaram o bar; esse foi o fim do encontro.

Todos os agentes da CIA são obrigados a relatar imediatamente quaisquer contatos com estrangeiros. A extensa papelada associada à manutenção de uma autorização de segurança torna o status um pouco menos glamouroso do que parece, para quem é de fora. Ainda assim, os requisitos dos relatórios têm um propósito e são levados a sério. Coloquei detalhes do encontro em um relatório de contatos com estrangeiros, incluindo descrições físicas, e deixei o cartão vermelho com meu oficial de segurança. E foi isso — a bola agora estava nas mãos dos oficiais da contrainteligência.

Nunca mais ouvi falar sobre o assunto, nada de acompanhamento ou entrevistas pós-relatório. Isso não me incomodou; era tudo parte da compartimentalização com a qual aprendemos a conviver na comunidade de inteligência. Entretanto, um pensamento me atormentou: E se Boris e Natasha não fossem agentes russos? E se eles fossem atores enviados pela contrainteligência dos EUA para testar minha lealdade? Isso não é tão bizarro quanto parece, dada a sensibilidade de alguns dos meus trabalhos e meu perfil público incomum. Nesse caso, passei no teste. Bem-vindo ao labirinto de espelhos.

As estruturas da sede da CIA e seus edifícios auxiliares são cercados por extensas áreas arborizadas e uma série de trilhas usada pelos funcionários para corridas matinais ou na hora do almoço, ou para um passeio pela floresta. Recriar o clima do campus universitário era justamente o objetivo do lendário espião Allen Dulles, diretor da CIA de 1953 a 1961. Ele comandou a mudança da sede de sua localização original, no número 2430 da E Street, bem ao oeste de Washington, D.C., para a atual, em McLean, Virgínia. Dulles queria o melhor dos dois mundos — um ambiente bucólico, sem oficiais enxeridos de outras agências próximas, mas perto o suficiente da Casa Branca para que, se necessário, o diretor da CIA chegasse ao Salão Oval, gabinete e local de trabalho do presidente norte-americano, em questão de minutos.

Dentro dessa extensão de bosques e trilhas, esculturas e museus e escritórios de vidro, existe uma anomalia arquitetônica. É uma casa branca de madeira no estilo de fazenda, de três andares, frequentada por muito poucos funcionários, mesmo entre aqueles com os maiores níveis de acesso. É uma estrutura que antecede a organização há décadas, parte de uma propriedade que testemunhou a Guerra Revolucionária, a Guerra Civil e todos os momentos decisivos na história dos EUA desde então. O nome formal do local é residência Scattergood-Thorne, conhecida como Scattergoods pelos membros da CIA.

Passei muitos dias em Scattergoods durante sete anos, entre 2006 e 2013. Não estava lá para cumprimentar chefes da inteligência visitantes ou para ocasiões cerimoniais. Embora a maioria dos oficiais da CIA mal soubesse que a casa existia, e bem menos já tinha entrado lá, um grupo organizado por mim fez da casa o local de alguns dos trabalhos mais politicamente sensíveis já realizados pela CIA. Esse trabalho envolveu um

escritório do governo de que poucos norte-americanos já ouviram falar — um organismo chamado CFIUS.

Os “Doze Indomáveis”

Nos meus anos de trabalho de inteligência para o governo dos EUA, raramente vi olhares tão estranhos como quando falei sobre meu envolvimento com o CFIUS (pronuncia-se “SIFI-us”). Claro, o nome parece engraçado. Na inteligência, perguntavam: “Coça ou queima?” Nenhuma pessoa que encontrei fora da comunidade de inteligência tinha ouvido falar.

CFIUS é a sigla, em inglês, de Comitê de Investimentos Estrangeiros nos Estados Unidos. O comitê foi criado de acordo com a Ordem Executiva 11858, proferida pelo presidente Gerald Ford em 7 de maio de 1975. Curiosamente, a ordem executiva de Ford citou a Lei da Reserva de Ouro de 1934 como uma das bases para a autoridade legal do comitê. A referência à Lei da Reserva de Ouro foi usada porque as operações do CFIUS foram financiadas com os lucros de informações privilegiadas do governo dos EUA com a confiscação de ouro feita por Franklin Roosevelt em 1933.

A formação original do comitê tinha os secretários de Estado, Tesouro, Defesa e Comércio, e diversos funcionários da Casa Branca. O comitê expandiu bastante desde 1975, e hoje inclui os secretários de Imigração e Energia e o Procurador-Geral dos EUA.

É de responsabilidade do CFIUS decidir se aquisições estrangeiras sensíveis de empresas-alvo dos EUA podem avançar. O comitê tenta encontrar um equilíbrio entre investimentos estrangeiros benignos, que são incentivados, e penetrações malignas de infraestrutura crítica. Em termos gerais, a infraestrutura crítica inclui telecomunicações, internet, computação na nuvem, rede elétrica, usinas hidrelétricas, finanças, transporte, portos, hidrovias, defesa e espaço, e recursos naturais, em resumo, qualquer rede que mantenha o país seguro e a energia funcionando. O CFIUS protege a nação da invasão desses setores por rivais estrangeiros.

A comunidade de inteligência não faz parte do CFIUS, mas é para ela que o comitê pede para determinar se uma possível aquisição de uma empresa norte-americana por uma estrangeira é uma ameaça à segurança nacional dos EUA, com base na identidade e intenções do comprador. A comunidade de inteligência que reúne informações sobre possíveis conexões do investidor estrangeiro com um cartel criminoso ou com o aparato militar, ou de inteligência de um rival dos norte-americanos.

Há uma tensão dinâmica nas decisões do CFIUS. De um lado os Estados Unidos mantêm uma economia aberta e acolhem o investimento estrangeiro. Algumas das marcas mais conhecidas no país são fabricadas por empresas estrangeiras como Sony e Samsung. A Lenovo, que fabrica o notebook que um dia se chamou Thinkpad, está sediada na China, mas adquiriu a divisão de notebooks da IBM. Os carros da alemã BMW são produzidos em fábricas no estado norte-americano da Carolina do Sul. O investimento estrangeiro nos EUA traz empregos, tecnologia e crescimento para a economia do país. Ainda assim, há áreas corporativas intocáveis, das quais nenhum investidor de fora pode fazer parte sem passar por uma rigorosa avaliação do ponto de vista da segurança nacional.

Se a bolsa de valores eletrônica Nasdaq fosse comprada por uma empresa russa que tem conexões com o governo de seu país, ela poderia programar sistemas de entrada de pedidos para inundar o mercado com solicitações de venda falsas na Apple, Amazon, Facebook e outros ícones comerciais norte-americanos. Isso poderia causar um colapso e destruir as economias dos norte-americanos, resultando em uma crise de mercado pior que a de 2008. A Rússia acabaria com mais riqueza por meio de uma fraude na bolsa que com uma bomba nuclear bem posicionada. Uma aquisição da Nasdaq pelos russos certamente seria recusada pelo CFIUS. Ainda assim, muitos casos que chegam ao comitê são mais opacos e menos óbvios. É preciso reunir a inteligência bruta para ligar os pontos.

Para isso, integrantes do comitê de inteligência, incluindo a CIA e a DIA (agência de inteligência de defesa), usam diretores, agentes secretos e meios técnicos para penetrar em camadas de ofuscação legais que atores ruins usam para disfarçar seus papéis. Isso pode envolver operações arriscadas em áreas proibidas designadas pela inteligência, tais como Moscou, Pequim e Teerã. Uma vez que os dados tenham sido coletados pela inteligência, os relatórios brutos são entregues a analistas da CIA em Langley. Os analistas ligam os pontos checando a informação coleta-

da com outras fontes, incluindo dados coletados por meios técnicos, dos quais os coletores humanos podem desconhecer.

O arquivo completo é transformado em um grande mosaico visual, que será usado pelos integrantes mais experientes da inteligência para avaliar se o comprador é uma ameaça. Normalmente o resultado não é preto ou branco, pois ainda pode trazer preocupações a serem consideradas pelo CFIUS. Essa avaliação é entregue ao Tesouro em nome do CFIUS. Após uma análise mais aprofundada de todo o comitê, o CFIUS faz uma recomendação final à Casa Branca. O Departamento do Tesouro atua como coordenador e agência de origem do CFIUS, mas não possui a palavra final; ela é da Casa Branca. O consenso entre as agências membros geralmente é alcançado, mas quando isso não acontece, o caso é encaminhado para uma decisão final do presidente.

Minha experiência colaborando com o CFIUS começou em 2006, pouco depois da fracassada tentativa da Dubai Ports World assumir seis portos norte-americanos. Nesse acordo, uma empresa do Oriente Médio planejava comprar a operadora das maiores instalações portuárias do país, entre elas Nova York, Filadélfia, Miami, Baltimore e Nova Orleans. Os portos lidavam com importações e exportações de uma parte significativa do suprimento de energia e alimentos dos EUA, bem como operações de navios de cruzeiro. Esses portos representavam algumas das infraestruturas críticas mais sensíveis da nação. Antes do acordo proposto, eles eram de propriedade da Peninsular and Oriental Steam Navigation Company (P&O), uma firma britânica, claramente originária de uma jurisdição amigável.

O comprador proposto, DP World, pertence ao Emirado de Dubai, que faz parte dos Emirados Árabes Unidos, controlado pelo governante de Dubai, Sheikh Mohammed bin Rashid Al Maktoum. Apesar da localização geográfica ruim, com vizinhos complicados, o país é avaliado pela comunidade de inteligência como um bom amigo dos EUA. Ele tem sido um aliado ativo dos norte-americanos na luta contra o terrorismo, o grupo ISIS e o cruel regime de Bashar Al-Assad, na Síria.

A DP World sabia que o acordo era sensível do ponto de vista da segurança nacional dos EUA e procurou o CFIUS em outubro de 2005 para liberação. A inteligência da Guarda Costeira dos Estados Unidos, agência relevante em relação à segurança portuária, levantou preocupações. A